

EDUCAÇÃO POPULAR NA AMÉRICA LATINA: POR ENTRE AS MEMÓRIAS DE OSCAR JARA E OS PERCURSOS DE PAULO FREIRE

Nima Spigolon¹

<https://orcid.org/0000-0002-5427-8169>

Cesar Ferreira da Silva²

<https://orcid.org/0000-0001-9433-0462>

Resumo:

O Círculo de Cultura que originou esta entrevista, no início de junho de 2021, por videoconferência, aconteceu em meio à pandemia e às comemorações do Centenário de nascimento de Paulo Freire. Nele, o educador popular Oscar Jara, Presidente do CEAAL- Consejo de Educación Popular de América Latina y el Caribe e Director del Centro de Estudios Alforja - CEP Alforja, fala da gênese da Educação Popular pela América Latina e da convivência com Paulo Freire. Inscrevem-se na memória as lutas, as utopias e o tempo que reflete a luz dos desafios contemporâneos. O diálogo tematiza o encontro com a Educação Popular e com Paulo Freire, alguns marcos históricos na América Latina, os conceitos de Cultura Popular, e atravessa influências de Carlos Rodrigues Brandão, dentre outros que foram surgindo. A entrevista se configura como registro histórico, revisita a esperança, a resistência, a criatividade e adensa as ações e investigações no campo da Educação Popular, apontando a necessidade da sistematização das experiências educacionais e populares, políticas e culturais no mapa do Continente latino-americano. Dialogar com Oscar Jara foi, ao mesmo tempo, dialogar com as concepções de Paulo Freire e conhecer memórias e práticas vinculadas à teoria e à militância, que marcaram o espalhamento dos processos epistemológicos e do pensamento Freireano, dos movimentos populares e sociais.

Palavras-chave: Oscar Jara; Paulo Freire, Educação Popular.

¹ Professora da Faculdade de Educação, na UNICAMP. Credenciada na Pós-Graduação em Educação. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação de Jovens e Adultos (GEPEJA). E-mail: nima@unicamp.br

² Bacharel em Psicologia e Psicólogo (2017). Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional (2019). Mestrando em Educação, com bolsa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) de demanda social-DS, pela UNICAMP, área de concentração: Estado, Políticas Públicas e Educação. Pesquisador vinculado ao Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação de Jovens e Adultos (GEPEJA), FE-Unicamp. E-mail: cesarfs.dasilva@gmail.com

Sólo con una ardiente paciencia conquistaremos la espléndida ciudad que dará luz, justicia y dignidad a todos los hombres. Así la poesía no habrá cantado en vano.

Pablo Neruda

Em junho de 2021, no contexto mundial da Covid-19 e das atividades de pesquisa dos entrevistadores, a Professora Dra. Nima Spigolon e o Pós-Graduando César Ferreira da Silva, realizaram por meio remoto, um *Círculo de Cultura*³ com o Educador Popular Oscar Jara, no qual ele discorreu sobre as gêneses da Educação Popular na América Latina. Durante a entrevista⁴, os movimentos dialógicos e dialéticos desencadearam um recuo histórico que destacou na memória de Oscar Jara a participação de Paulo Freire, de Carlos Rodrigues Brandão e a convivência entre os três naquele cenário popular, ditatorial, econômico, educacional, político e cultural. As perplexidades do contexto contemporâneo brasileiro contribuem com esse debate instaurado sobre a concepção de Educação Popular na América Latina e ao delinear desafios se fortalece nos processos de resistência visando à emancipação humana e na intencionalidade de construir um outro projeto societário contra hegemônico. Tornamos pública a transcrição e tradução da entrevista⁵, que desperta a reflexão pela importância dos temas abordados.

Entrevistadores

Profa. Dra. Nima Spigolon

Prof. César Ferreira da Silva

Entrevistado: Dr. Oscar Jara

César Ferreira da Silva (CF): Oscar Jara é um Sociólogo Peruano, Professor e Educador Popular que há mais de 30 anos vive na Costa Rica. Trabalha em organizações Latino-Americanas relacionadas com

³ *Círculo de Cultura com Oscar Jara - Educação Popular, América Latina e Paulo Freire: passado, presente e perspectivas.* Disponível para acesso público, gratuito e democrático em <https://youtu.be/KyF8IJwTLpA>

⁴ A entrevista é parte do projeto: "Diálogos entre pesquisa, extensão e sociedade: A geração de Educadores Populares da década de 1960 no Brasil", e conta com recursos PROEC pois foi contemplado no 1º Edital de Financiamento à Pesquisa sobre Extensão Universitária, da Unicamp, e parte da pesquisa de Mestrado Acadêmico em Educação do Pós-Graduando César Ferreira da Silva, sob orientação da Profa. Dra. Nima Spigolon na FE-Unicamp.

⁵ Transcrição e tradução realizadas por César Ferreira da Silva.

a Educação Popular, como a RED ALFORJA⁶ e no Conselho de Educação de Popular da América Latina e do Caribe – CEAAL⁷. Desde os anos 1970, percorre a América Latina difundindo o pensamento e práxis de Paulo Freire. Em 2017 defende uma importante tese no Doutorado Latino-Americano de Educação da Universidade da Costa Rica, intitulada: *Educación y Cambio Social: Interpretación crítica de las contribuciones ético-políticas y pedagógicas de la educación popular latinoamericana*. Desta importante tese surge o livro: *Educação Popular Latino-Americana: História e Fundamentos Éticos, Políticos e Pedagógicos*, que percorre os principais marcos e momentos da história da Educação Popular na América Latina e que foi de grande inspiração para a feitura desta pesquisa e desta entrevista.

Oscar Jara (OH): Gostaria de agradecer você César pelo recado, por esse convite feito por você para participar desse Círculo de Cultura, acho que seu interesse é de interesse de muitas pessoas também, agradeço a oportunidade de contribuir. Só um adendo, que o CEAAL era o Conselho de Educação de Adultos da América Latina, e faz um tempo a gente mudou, não a sigla mais o nome para “Conselho de Educação Popular da América Latina e do Caribe” e esse é o nome oficial agora do CEAAL, porque queríamos precisamente reforçar essa ideia, mas além da Educação de Adultos e da Educação que é Popular. Muito obrigado pelo convite.



⁶ Red Mesoamericana de Educación Popular Alforja.

⁷ Conselho de Educação de Popular da América Latina e do Caribe

CF: Mais uma vez, obrigado pelo adendo Professor Oscar...

CF: Como, onde e quando acontece o seu encontro com a Educação Popular, o que isso provocou na sua vida?

OH: Na organização e participação juvenil, tinha na universidade que eu estava estudando filosofia, um curso de um brasileiro que estava no Chile, com um método de alfabetização conscientizadora, eu não sei ainda, me interessei, foi esse curso, um curso curto, uns três meses, mas ao fim do curso eu tinha que fazer uma prática, e nesse bairro, na favela eu trabalhava com esse movimento juvenil, comecei a pesquisar o porquê as pessoas tinham interesse em se alfabetizar, e encontrei com cinco senhoras, e com essas senhoras comecei um processo de alfabetização, seguindo as ideias de Paulo Freire que chegava ao Chile. A partir de lá começou todo processo, que me levou a trabalhar como alfabetizador durante três anos, no norte do Peru, na fronteira com o Equador, com trabalhadores agrícolas das fazendas, no momento da reforma agrária, em 1971 e 1972. E lá foi verdadeiramente o momento onde eu comecei a aprender, não só o método, mas toda filosofia, o que significava um processo dialógico que Freire estava propondo, porque fizemos a procura do universo vocabular, pegamos a ideia de construir temas geradores, as palavras geradoras e mesmo o processo de alfabetização, foi o processo que eu sempre digo, as pessoas dessa região que eu não conhecia, não tinha morado lá, eles não se alfabetizaram em nós, mais precisamente em sua maneira de viver, sua cultura, sua sabedoria e sua história. Então fazíamos teatro do oprimido, trabalhávamos com músicas, histórias, lendas, morávamos lá nessa região, e foi uma região de muita luta também, luta pela terra, luta para que a reforma agrária acontecesse. Então esse foi o processo no qual eu descobri a relação entre educação, organização, participação e também foi o começo da descoberta da importância da sistematização de experiências, porque depois de cada seção de alfabetização e depois de uma discussão das palavras geradoras etc., e depois dessas duas horas, reunimos a equipe de alfabetizadores e cada um trabalhava durante duas ou três horas, escrevíamos tudo aquilo que tínhamos na memória daquilo que tinha acontecido na seção. Então, pegávamos as frases que lembrávamos que as pessoas tinham dito, naquele momento e fomos construindo uma série de materiais com suas próprias palavras, e sem darmos conta as pessoas estavam nos influenciando, o nosso jeito de pensar, porque precisamente pegando essas frases e depois construímos os materiais de pós-alfabetização, com essas frases, deles e delas, fomos pegando e costurando para fazer os materiais de leitura e escrita, foi que fomos descobrindo que estávamos

também influenciados por sua maneira de ver o mundo e por sua forma de pensar. Então foi um processo muito intenso, de vínculo também com as lutas populares, lutas dos movimentos camponeses, que me levou depois a estudar sociologia. Mas quando estava estudando sociologia, já não dava só para estudar, então estive trabalhando com outros processos de Educação Popular numa entidade que se chama Tarea, no Peru, uma entidade de Educação Popular, e fizemos encontros, oficinas, trabalhos com organizações indígenas, mulheres, sindicatos, etc, e daí para frente continua, o começo muito Freireano, e na verdade foi realmente essa ideia de aprender a importância da escuta, de escutar as pessoas, e tentar interpretar a sua maneira de perceber o mundo e contribuir com aquilo que sabíamos a esse diálogo, essa troca de saberes, e nos processos de organização e educação, e também significou uma ideia de passar dessa visão inicial que mesmo Freire, assim como falei uma vez com ele, Freire me disse, eu tinha antes uma visão ingênua em que colocava a conscientização como um momento prévio à ação organizada, e falando com ele sobre isso, eu contei que nesse momento na minha experiência eu tinha experimentado que o processo de conscientização vinha junto com o processo da organização, junto com o processo de mobilização e ele disse sim, verdadeiramente isso é, tem um processo conjunto que se vai dando entre a dinâmica de organização, a dinâmica de educação, a partir daí eu tenho sempre pensado que os processos de Educação Popular, tem que estar sempre vinculados às dinâmicas de organização, às dinâmicas de mobilização, que o processo educativo na verdade, o processo de múltiplas aprendizagens que se dá nessa práxis de ação e reflexão e não de forma separada. Então foi um começo que poderia contar muitas histórias nesse momento de minha aprendizagem, já faz bastante tempo, mas foi muito interessante, pois me deu a base para a continuidade de outras experiências na minha vida.

Nima Spigolon (NS): É perceptível esse vir à tona desse Educador Popular, Educador Social com a proposta de sistematização que o senhor encampa, e aí me recordo até do livro de sistematização publicado pela UNB⁸, se não me engano, que até hoje é, e vai ser uma referência para todos nós educadores, professores vinculados aos movimentos de Cultura Popular, que nós temos uma certa resistência primeiro do registro, né Oscar, depois da sistematização. Então é perceptível essa formação incipiente sua e com base nisso, percebe-se então que há tempos o senhor vem realizando pesquisas tanto de base teórica quanto de base prática, e que ao realizar essas pesquisas, o senhor também se insere no trabalho político e pedagógico da Educação Popular. Então, gostaríamos que o senhor falasse

⁸ Universidade de Brasília

um pouco sobre os marcos históricos que o senhor foi sistematizando, que apontam para nós às gênesis, se é possível chamar assim, o início da Educação Popular com o recorte da América Latina.

OH: Claro, na verdade os processos de pesquisa tem sido na minha experiência os processos de ação e os processos da construção da aprendizagem, não como um elemento separado, como por exemplo, nessa experiência de alfabetização, tínhamos que estudar o que era o marco da reforma agrária, o marco da propriedade da terra, o que acontecia com a produção de algodão, a distribuição, a comercialização, a exportação, e é o mesmo processo educativo que fomos fazendo durante esses três anos com os camponeses, nos obrigava a tentar aprofundar a nossa base de análise dentro do contexto do processo da reforma agrária. No Peru, significava também uma mudança muito grande no contexto nacional, no momento em que no Chile estava o governo de Allende, antes do golpe de Pinochet, já começava às ditaduras da Argentina, do Uruguai, continuava a ditadura no Brasil, e no Peru tínhamos uma influência grande desse movimento que acontecia na América do Sul, nos anos de 1960, 1970; no ano de 1967 com a guerrilha de Che Guevara na Bolívia, todos esses acontecimentos foram muitos próximos de nós, eu estive no Chile no tempo de Allende também, conheci o processo de experiência do governo popular, e conheci os Cadernos de Educação Popular⁹, que Marta Harnecker e Gabriela Uribe produzem; que foi uma das primeiras publicações que saem com esse nome, Cadernos de Educação Popular, 1970, em uma coleçãozinha de dez folhetinhos que se distribuíram a nível de todo continente, e imagino que também chegaram ao Brasil em algum momento, talvez não durante a ditadura, mas nesse processo foi muito importante começar a falar de Educação Popular e aprofundar o conhecimento. Por isso eu contava que pegando um pouco da minha própria história pessoal, eu vi a necessidade de estudar sociologia, eu tinha estudado filosofia primeiro, e depois fui alfabetizador, depois fui estudar sociologia e na sociologia fui misturando trabalhos de Educação Popular, porque já as duas coisas estavam totalmente engajadas, e acho que isso é muito importante, porque, isso faz parte do contexto teórico da época, em um momento dos anos de 1970. Olha que, falando do marco histórico, temos antecedentes interessantes, mas talvez começando com esse período, podemos dizer que os anos de 1970, são anos que o professor Alfonso Torres da Colômbia, ele disse que foi como um ano cabalístico, porque foi o ano em que Paulo Freire

⁹ A coleção Cadernos de Educação Popular foi publicada no Chile durante o governo da Unidade Popular de Salvador Allende. Composto por um conjunto de textos pedagógicos que aproximam os instrumentos teóricos para promover a transformação social. Possivelmente, a publicação brasileira parou no sétimo volume, sendo que a original, em espanhol, contém 11 volumes. Nota dos entrevistadores.

divulga a produção da “Pedagogia do Oprimido”, mas também foi o ano em que Orlando Fals Borda escreve “Causa Popular e Ciência Popular”, e o período em que Galeano escreve “As Veias Abertas da América Latina”, Gustavo Gutiérrez escreve a “Teologia da Libertação”, e também os primeiros escritos de Dussel, sobre “Ética da Libertação”, são desses anos de 1970 e 1971, e por aí vai aparecendo Augusto Boal com seu “Teatro de Arena” e “Teatro do Oprimido”. Então, entre algum período entre 1969 a 1972, em que no campo da Educação e das Ciências Sociais aparece, por exemplo, a “Teoria da Dependência”, de Theotônio dos Santos, começa a produzir a nível da teoria das Ciências Sociais, e todo um marco diferencial com a Teoria da Dependência, e eu acredito que isso tem origem com a mudança epistemológica causada pela “Revolução Cubana”, pois a Revolução Cubana significa um momento de quebra do processo de dependência colonial, e também de colonização intelectual. A partir da Revolução Cubana na América Latina se gera uma dinâmica de criar pensamentos desde nossa própria realidade e não de copiar marcos de referência Europeus ou Norte Americanos, que eram predominantes, mas sim produzir nossa própria teoria; aparece a Sociologia, a Economia, a Antropologia Latino-Americana e um campo particular, o campo do “Trabalho Social”, o trabalho social era o “Serviço Social”, o serviço social antes se chamava “Assistência Social” e tinha um marco de referência totalmente distinto, que a partir dos anos de 1970 muda como um processo que se chama de reconceitualização, e nesse processo de reconceitualização as pessoas que faziam serviço social, especialmente Leila Lima, Ana Queiroga, da Universidade de Belo Horizonte em Minas Gerais no Brasil, e nessa Universidade e na escola de trabalho social, vão criando uma reflexão e elas apresentam no ano de 1971 um artigo que se chama “A Prática do Trabalho Social” como fonte de teoria, e é a primeira vez em um artigo, que se fala da sistematização de experiências no sentido que agora a gente usa, porque elas dizem, a prática do trabalho social tem uma enorme riqueza, por isso temos que construir um pensamento sistemático a partir da riqueza das nossas práticas e por isso temos que sistematizar as experiências, e é aí que se utiliza o termo “Sistematização” vinculado à construção da aprendizagem desde a prática, vinculado à construção de teoria. Então “Trabalho Social, Sociologia, Ciências Sociais, Teatro e Pedagogia do Oprimido, Teologia da Libertação, Ética da Libertação”, tudo isso junto, em um contexto de quando eu tinha vinte, vinte e um anos, e estávamos nos formando, então é um processo como um marco histórico, é importante levar em conta, qual é o contexto teórico, não só o contexto de luta, de relações econômicas, sociais, políticas, mas também qual o contexto cultural,

teórico dessa época, que marcou toda uma geração. E o que acontece é que quando chegam os golpes militares, Pinochet, os golpes no Uruguai, na Argentina, todo esse Trabalho Social, das Ciências Sociais e Críticas, e Pedagogia da Libertação, tem que sair ao Peru, ao Equador, à Venezuela, à América Central, ao México. Então, as ditaduras têm uma dupla cara repressiva, e também uma cara que permitiu e possibilitou o espalhamento de todo esse pensamento a nível de toda América Latina, eu tenho encontrado traduções de materiais de Paulo Freire com essas experiências que ele tinha feito no Chile, na Venezuela, na Colômbia, Nicarágua, nos anos de 1971 e 1972. As pessoas reproduziam e utilizavam seus materiais, então os processos sociais e políticos não tem só uma cara, tem também outra dimensão: “A dimensão da Resistência”, “A Dimensão da Criatividade”, e é muito interessante como esse período então, enquanto o marco histórico referencial, criou as possibilidades, também de um olhar Latino-Americano, porque quando Paulo Freire fala de uma Pedagogia Libertadora, ele tem essa concepção e pega precisamente e procura essas buscas que os Movimentos Sociais estavam fazendo, pega também o conceito, o termo “Educação Popular”, porque Paulo Freire não utilizava o termo Educação Popular, quem criou o termo Educação Popular foi a equipe de “Carlos Rodrigues Brandão” que estava desenvolvendo trabalhos com equipes do Brasil e do Uruguai, vinculados com a equipe da Igreja e Sociedade da América Latina, que era uma revista que existia no Uruguai, nesse tempo, nos anos de 1968 e 1969, e lá começaram a publicar alguns escritos de Paulo Freire, que estava no Chile, que são os primeiros textos em forma de artigos, que aparecem nesta revista, e carregam esse movimento ecumênico de igreja progressista não católico, de comunidades de base, mas um movimento mais ecumênico, ligado a igrejas protestantes, em que “Carlos Brandão e Jarbas Maciel” e outras pessoas, desenvolvem o processo de divulgação do pensamento de Paulo Freire, e da Pedagogia da Libertação. E eles então “Criam o conceito de uma Educação Popular”, porque eles dizem que é um processo de educação que está vinculado como “Movimento Popular”, e como “Movimento da Cultura Popular”, então se juntando aparece a “Educação Popular”, que é o termo que vai se espalhando pela América Latina, a partir dos anos 1970 e 1971, e isso sai no livro “Educação Popular e Processos de Conscientização” assinado por “Júlio Barreiro”; Júlio Barreiro que era um Uruguaio que morava em Montevideú nesse tempo, mas como Brandão e sua equipe estavam na clandestinidade no Brasil, eles não podiam assinar esse livro, com seu nome, e Brandão pediu a Júlio Barreiro colocar em seu nome, e ele colocou, e até agora é um dos mais vendidos livros sobre Educação Popular no século XXI.

“Educação Popular e Processos de Conscientização”, de Júlio Barreiro, que, na verdade, deveria ser de Carlos Brandão e equipe, e isso é um processo que descobrimos com Carlos, quando eu estava fazendo uma pesquisa da minha Tese de Doutorado, e porque a pergunta era, “Onde surgiu a categoria Educação Popular”, e eu perguntei à Brandão, e Brandão colocou isso em e-mails, onde participaram várias outras pessoas, e finalmente chegamos que ele tinha sido o responsável da criação e por colocar esse nome, porque antes a única referência foi a campanha popular do CEPLAR¹⁰, lá no Nordeste, e não tem outra referência até agora conhecida que utilizaram o termo Educação Popular. No Brasil, nos anos de 1960, não era essa a categoria. Então, o interessante é que tem essa origem, e a experiência de Angicos vai se desenvolvendo, e depois com as experiências que Freire vai desenvolver no Chile e se espalham por toda a América Latina, e a categoria que vai se criando é a categoria de uma Educação Popular, e daí por diante é uma referência de uma visão Ética, Político, Pedagógica, e que chamamos que esta proposta é muito mais que uma pedagogia, mais que um método, que é uma filosofia na verdade, que tem um sustento epistemológico, e é o produto da mistura de todos esses elementos, e então eu acho que os anos 1970, são o período histórico em que o surgimento de toda essa concepção tenha a ver com o entrecruzamento de todos esses elementos, e que de alguma maneira Paulo Freire foi um dos mais claros precursores e inspiradores com uma orientação mais ampla desse processo, e por isso toda a América Latina nos anos de 1970, no final dos anos 1970, 1980, quando acontece a cruzada da alfabetização na Nicarágua, Freire vai pra lá e estando inspirados nesses processos, ele vai pra lá também, coordenar um encontro de Educação Popular em Nicarágua e compartilhar a experiência em que ele tinha tido em Genebra, na Suíça, vinculadas com os Movimentos de Libertação de África, e ainda é muito interessante que não só são anos de uma história, mas sim uma mistura de distintos fatores, que em um momento de um processo histórico que permite construir processos de Educação Popular nesse período. A partir daí tem outras mudanças, outros aprofundamentos, outros processos, mas acho que poderíamos talvez deixar aqui esta referência, que tem antecedentes, mas também tem outros elementos posteriores, mas não sei por onde você quer continuar esta reflexão.

CF: Professor Oscar, que riqueza que o senhor nos traz em rememorar, relembrar, reconstruir esses processos de Educação Popular pela América Latina, não sabíamos sobre o termo ser criado e promulgado por Brandão e equipe. Sei que o senhor falou sobre isso em sua tese, e até então não

¹⁰ Campanha de Educação Popular da Paraíba

conhecia sobre essa sistemática, então mais uma vez nos alegra muito em recordar essas memórias. Muito obrigado, Professor.

OH: Não, muito pelo contrário, tem sido uma descoberta muito legal para nós também.

CF: Diante disso, e já continuando com o nosso Círculo de Cultura, vamos adentrar ao terceiro momento, que seria.

CF: É indissociável da Educação Popular à Cultura Popular, e vice versa, daí quais as concepções que fundamentaram as ações e intenções desses movimentos na América Latina? De que Educação e Cultura Popular estamos falando? Há memórias registradas? Há memórias vivas? O que que há, professor?

OH: Tá bom, eu acho que é muito interessante, esse olhar que nos permite, aprofundar um pouco essas relações entre Educação e Cultura, é na verdade e é precisamente uma das contribuições de Paulo Freire, é uma das contribuições originais mais importantes dele, esse vínculo, talvez também porque ele vinha desse processo do Movimento de Cultura Popular, e porque o Movimento de Cultura Popular tem esse dinamismo, precisamente, porque é uma forma de expressão e de construção de identidade, e não é somente a ideologia, e não são somente as ações, é o sentido da vida que se expressa através da própria história, que se expressa através da linguagem, e que se expressa portanto através da construção de uma identidade, que é o que chamamos de uma Cultura Popular, um senso popular, uma forma de nos colocar no mundo, e desde a vida das camadas populares, que são precisamente todos aqueles setores que estão sofrendo algum nível de assimetria, que são as pessoas que sofrem exploração econômica ou opressão política, discriminação racial, discriminação de gênero, discriminação etária, exclusão social, marginalização. Todo aquele setor que sofre em algum nível dessas assimetrias e podemos chamar, que são algum tipo dessas camadas populares, mas também tem um sentido que o Popular tem a ver com a transformação dessas relações de assimetria, a cancelação das relações de opressão, de autoritarismo, de verticalismo. Então, falamos de “O Popular em sentido Transformador”, a proposta de um projeto popular de transformação em que essas camadas populares permitam mudar essa relação de assimetria, de sofrimento, de opressão, e que pode ser construída com justiça, com Equidade, outras formas de relação social, outro tipo de relações de poder. Por isso que cultura, educação, política, estão intimamente relacionadas, porque, você não pode continuar expressando a profundidade da raiz da Cultura Popular, e essa construção de identidade, se você tem em cima uma lógica de opressão que pode ser autoritária, vertical, patriarcal, que vai nos impedindo de ser, e que Freire também trabalha muito

essa ideia de que estamos convidados, chamados a “Ser Mais”, e que temos uma possibilidade de sermos sujeitos da história, que a história não é pré-determinada e portanto, esse processo de mudança de história, estamos mudando as relações entre as pessoas, e estamos portanto construindo nossa própria humanidade, toda essa filosofia humanista de Freire, essa afirmação da vida, é fundamental porque então articula o processo de construção de identidade, com os processos propriamente pedagógicos que são, intencionados. Você não faz uma pedagogia espontânea, a pedagogia é um processo intencionado que visa criar uma estratégia de construção de uma proposta, mas que também, e precisamente por isso é político, porque entra diretamente em vínculo com as relações de poder existentes, e se existem relações de opressão, significa que esse processo pedagógico de construção de identidade, supõe superar essas relações de opressão, e construir outro tipo de relações, a nível social, a nível também de todos os níveis, comunitário, familiar e inclusive nas próprias famílias, nas casas, e dizer temos a democracia em todos os cantos, então não está separado, mas tem um aspecto particular, eu penso que a Educação Popular na América Latina é um fenômeno histórico e sociocultural, e tem uma expressão social vinculada sobretudo aos seus Movimentos Sociais e às suas formas de organização, mas também em termos de construção de fatores de identidade que permitem construir uma visão do mundo, afirmando aquilo que se vive, ou aquilo que você quer viver. Então, nessa dialética de libertação no sentido freireano de libertação, que tenha os dois sentidos de nos libertarmos de tudo aquilo que nos está oprimindo, que está atando, que está contraindo, ou não, e também liberar nossas capacidades, nossas potencialidades, libertar nossa criatividade, tem início os dois sentidos Freireanos quando falamos de libertação, então esse processo sociocultural, significa um processo de construção e reconstrução de espaços de liberdade, é um termo muito claro na filosofia de “Paul Ricoeur” por exemplo, e é quando que ele fala, que a política é precisamente a construção de espaços de liberdade, e nessa construção de espaços da liberdade, é uma construção pessoal, grupal, social, e neste caso também planetária. Então, o grande desafio das matrizes culturais é que temos também a presença de uma matriz cultural hegemônica, que é consumista, centrada no mercado, autoritária, que é dependente e que é também racista, fascista, e discriminadora, essa é a lógica da matriz cultural predominante hoje, dentro de um sistema capitalista, que predomina a nível universal, portanto a construção de outra cultura, de outra matriz cultural significa também, uma quebra no sentido profundamente ético, então se vincula à cultura, à pedagogia, à política e à ética, porque precisamente são aqueles valores que vão permitir

construir outra maneira de ser, outro jeito de viver, outras formas de vincular-se, com a natureza, com as outras pessoas. Então nesse trajeto temos uma Cultura que digamos “Do Povo”, uma Cultura dominante na maioria das pessoas, e temos uma Cultura Popular no sentido que desmonta essa cultura que está sendo alienada ou que repete a matriz cultural dominante, e tudo isso vemos hoje, e na Pedagogia do Oprimido que Paulo Freire trabalha muito sobre isso, e a liberação dessa alienação, que pode estar inserindo a lógica do dominador, dentro da mentalidade das pessoas dominadas, que justificam, inclusive aplaudem, essa lógica, que inclusive em países como o Brasil nesse momento, em outros países da América Latina, onde olhamos que isso também acontece. Devemos quebrar essa lógica para construir a capacidade de autonomia, é um na tarefa ética, política, pedagógica, como parte da construção de uma matriz cultural e diferente, e acho que esse é o nosso grande desafio, o grande desafio não é só ter uma outra ideologia, na internet ter só outro discurso, não só ter outras instituições, ter outros mecanismo, temos que ter outra cultura, outra forma de nos inserir no mundo e de construir nossa identidade, como espécie vinculada precisamente as raízes e as relações entre as pessoas, e nesse processo entra essa contribuição que vem dos povos Indígenas, que vem dos povos Andinos, que se fala de “Bem Viver” é um paradigma na verdade, é um paradigma de outra forma de conceber além das coisas, do lucro, do consumismo, para passar a valorizar outros elementos, outra ética e vai dirigindo sua vida social, então sobre esse tema Educação Popular e Cultura Popular, e a construção como você pergunta, quais são as concepções, as intenções, estamos falando dessa Cultura Popular, na Cultura Popular que resgata os elementos mais ricos que vêm dessas raízes históricas, não os “Sacralizam” no sentido que todos podem ser parte também de um processo histórico, não temos que dizer porque as pessoas acreditam nisso, já tem validade em si mesmo, pois sempre vamos gerando uma capacidade de problematização; e é uma categoria que Nima e você vem trabalhando, com essas categorias centrais que perpassam todo o pensamento de Paulo Freire, exatamente ante essa situação, problematizamos também Cultura do povo, problematizamos os costumes, os hábitos, problematizamos as crenças, mas não para negar, mas sim para problematizar e construir outras possibilidades. Então eu acho que é uma trama muito importante, porque não estamos falando só de outro tipo de organização, de outro tipo de estrutura, de outro tipo de metodologia, estamos falando de outra Cultura, no sentido de outra forma de nos colocar no mundo, então é uma tarefa que atravessa todas as nossas relações como pessoas e nossas relações no planeta, e aí está esse desafio holístico, que faz, que a Educação Popular não seja concebida,

só a Educação das pessoas adultas, só a alfabetização, é uma Educação que vamos fazer para formar o movimento sindical, é tudo isso sim, mas é mais, é formar outra concepção de Educação, concepção integrada, e uma educação crítica, criadora é capaz de possibilitar a construção de outra Cultura planetária, acho que com essa pandemia, acreditamos mais uma vez na importância de entrar nesse caminho.

NS: E assim, ficamos muito atravessados porque temos nesses cenários da América Latina, e como no início o senhor nos lembrou do livro de Galeano “As veias abertas da América Latina” que está completando 50 anos, pois foi publicado a primeira vez em 1971, esses cenários ao mesmo tempo tão fecundos, tão férteis, e tão marcados pelas desigualdades sociais; acho que isso está muito presente na fala crítica, reflexiva e pedagógica, política do senhor. Então, nós reconhecemos que a Educação Popular é uma frente de resistência a tudo isso, e também que a Educação Popular faz uma intermediação libertadora e emancipadora, mesmo em cenários tão adversos, nestes cenários tão marcados pelas desigualdades sociais, uma crise política sanitária, a pobreza, extrema pobreza, a miséria, acho que a Educação Popular como essa frente de resistência, mesmo reconhecendo nesses últimos tempos, o avanço dessas forças conservadoras, desse estado pós-democrático, e a perda dos direitos sociais que foram arduamente conquistados pelos movimentos sociais, essa situação de uma super-exploração e pelas corporações bilionárias, esse capital estrangeiro que a gente sabe, eles espalham a violência, a miséria, o neoliberalismo, e a destruição do mundo. Então, por essa experiência do senhor, essa situação, essa base tão teórica e prática, epistemológica no campo da Educação Popular, mas sobretudo internacional também, é possível, Oscar, a Educação Popular como uma Política de Estado? É possível uma Política Pública que tenha como pauta, como compromisso a Educação Popular? É possível? O que o senhor sugere para nós?

OH: Eu acredito que sim, que é possível, mas não só como um bom desejo, eu acho que temos experiências interessantes que mostram a viabilidade que uma outra concepção de educação, que baseada nesse fenômeno histórico-cultural e Latino-Americano que se chama Educação Popular, e que está teorizado principalmente pelos próprios Educadores e Educadoras Populares, que estão tentando construir também nossa própria fundamentação teórica epistemológica, e esse processo concebido como uma proposta integral, não é só uma proposta para pessoas adultas, não é só uma proposta para uma modalidade de alfabetização, ou pós-alfabetização, não só uma proposta para trabalhar nos lugares estão

longe e vamos fazer Educação Popular, não é só uma proposta de utilização de técnicas e dinâmicas que são de "Educação Popular". A ideia é que isso que chamamos de Educação Popular, é verdadeiramente uma proposta ética, política, pedagógica, integral, e que visa construir uma alternativa de educação, uma outra forma de pensar e fazer educação. Então temos algumas experiências interessantes nesse sentido, já faz um tempo, e nos anos 1940 na Bolívia, estive em uma escola de lá, e eu e outros consultores fomos os principais responsáveis por implementar a ideia de um sistema escolar que fosse realmente baseado na lógica, na estrutura da vida dessas comunidades, para esse momento, para esse lugar, mas que se você pega essa ideia, só pode pensar em não replicar mecanicamente, mas sim pegar a ideia de responder a distintos contextos para criar espaços educativos, que esse sistema educativo responda especificamente às características próprias desses lugares. Bom, então, esse tipo de escola na América Latina durou somente 12 ou 14 anos, depois foi fechada, mas acho que em uma primeira luz que podemos encontrar nesse sentido, no segundo o próprio Paulo Freire, que é muito interessante que na revista de Estudos Universitários, uma revista da Universidade do Recife, no ano 1961 ou 1962, Jarbas Maciel escreveu um artigo onde descrevia a proposta que estava trabalhando com a equipe de Paulo Freire, que guiou o trabalho da secretaria de extensão cultural na Universidade de Recife, e que em vínculo com outros movimentos da Cultura Popular e o Movimento de Educação de Base - MEB, fizeram a experiência de Angicos, mas que nesse momento se você falasse de um programa de alfabetização, um programa de educação primária, um programa de educação secundária, um sistema de educação Universitária, e ainda de um Instituto Internacional de Educação Popular, e nesse tempo já a ideia de que estava trabalhando Paulo Freire e sua equipe, era a ideia de um sistema educativo que tivesse essas outras características, dialógico, crítico, participativo. Mas o que aconteceu em minha interpretação, é que na história, o início do desenvolvimento e da experiência de Angicos, seu sucesso, e depois parte de sua equipe a trabalhar no Plano Nacional da Educação, no governo de João Goulart, decidiram sobre a ideia da alfabetização, pois essa era a experiência mais bem sucedida da época, depois foi se esquecendo os outros elementos, depois veio o golpe, então essa experiência acaba e Freire vai para o Chile e consegue conectar a experiência da alfabetização com a experiência de Educação de Pessoas Adultas, Educação de Adultos especialmente no meio rural, assim como no âmbito dos primeiros anos, o trabalho na Reforma Agrária, no trabalho no "Instituto de Capacitação e Pesquisa para Reforma Agrária do Chile - ICIRA". Então quando ele tira um tempo para escrever a Pedagogia do

Oprimido, ele não está pensando na alfabetização, ele está pensando em uma proposta político-pedagógica muito mais integral, mas como a demanda era muito grande de alfabetização, ficou a necessidade de alfabetização, ficou uma ideia muito centrada na Educação Popular como uma educação de primeiro nível, uma educação elementar, uma educação de alfabetização nesse nível, e já se foi esquecendo essa ideia de um sistema, mas acho que essa é uma segunda fonte; a experiência na escola na Bolívia a de Jarbas Maciel que também tem trabalhado sobre isso. Acho que Osmar Fávero teve trabalhos com isso no Brasil, algumas das falas também que Paulo Freire teve sobre Educação Popular e a Educação Libertadora, conscientização na universidade, por exemplo na Universidade de Chile, depois em seu trabalho em Harvard nos Estados Unidos, e depois com alguns movimentos de libertação na África, onde mais uma vez o tema da alfabetização voltou a ser o elemento central, mas ele volta para o Brasil, para São Paulo, e depois Luiza Erundina chama ele, e esse começa a pensar na Secretaria de Educação do Município de São Paulo. Eu tive a oportunidade de estar com o Paulo Freire em seu escritório na secretaria em São Paulo, fui com o companheiro Pedro Pontual, nesse momento. E então estivemos falando com ele, e tenho uma lembrança relevante que poderia contar, que ele estava assinando um monte de papéis e então ele disse para mim, “Olha eu falo muito de uma Educação Libertadora e olha aqui eu, estou escravo de assinantes de papéis nesse momento”. Então nesse momento ele estava assumindo o desafio também de repensar, como, por exemplo, tudo aquilo que está em “Professora Sim, Tia Não”, “Cartas a Cristina”, “Pedagogia da Autonomia”, repensa precisamente uma outra aproximação de Freire a ideia de fazer uma outra política pública de Educação Popular, e uma experiência com todos os problemas e seus níveis, e o que aconteceu com isso, foi a experiência do MOVA¹¹ de São Paulo, e de lá foi pegando para a experiência de MOVA do Rio Grande do Sul, e dentro disso tenho tido esse privilégio de participar junto com Liana Borges, no tempo do Governador Olívio Dutra, durante dois anos 2010 - 2012, no processo em que a Secretaria de Educação do Governo do Estado do Rio Grande do Sul definiu uma constituinte escolar baseada na proposta de Política Pública de Educação Popular. Então o programa MOVA foi um programa de parceria com os Movimentos de Educação Popular muito centrado na alfabetização, mas dentro de um sistema mais integrado na Política Pública, e no mesmo ano em que se criou a Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, bom, então temos experiências que mostram que não é simplesmente um bom desejo, mas que

¹¹ Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos

se tem experimentado processos que vão nessa linha. No ano de 1985, na Nicarágua, aconteceu um grande encontro, com todos os funcionários principais do Ministério da Educação, porque o Ministro Fernando Cardenal, que foi o coordenador da Cruzada Nacional de alfabetização, e chamou alguns Educadores Populares, nós estávamos trabalhando na Nicarágua naquele tempo, e ele solicitou para nós que fizéssemos uma oficina de Educação Popular para todos os principais funcionários do ministério, e terminando esse evento, em 18 de abril de 1985, Fernando Cardenal, fez uma fala dizendo: “Não se pode tratar que a Educação Popular seja uma modalidade uma parte da educação em nosso país, a Educação Popular deve ser toda a educação na Nicarágua, um processo de um Governo de Estado deve ter uma Educação como Política de seu Governo”. Então essas são algumas das experiências no Brasil a nível de Estado e na Nicarágua a nível de um país, depois mais quatro ou cinco anos na Bolívia se criou o vice Ministério da Educação Alternativa sobre a direção de Noel Aguirre, e esse vice Ministério criou todo uma estrutura de uma Pedagogia da Educação Popular alternativa, não só no sentido que ia além do sistema formal tradicional, sendo que inclusive reconhecia os valores da educação que se fazia de forma não formal ou informal, e valorizava também os acadêmicos, os saberes do trabalho por exemplo, que supunha a formação dos professores e precisamente como não transmissores de conteúdo, mas como geradores de aprendizagem. Então, infelizmente, essa experiência terminou, com o golpe que tivemos na Bolívia no ano passado, mas essa experiência também mostra a possibilidade de uma política pública a nível de todo um país. Então, Nima, fechando essa ideia, eu acredito que não só é possível, mas é necessário, mas significa colocar a ideia da Educação Popular não só como uma modalidade, mas sim como uma concepção. Eu trabalho com universidades e trabalho com Universidades Públicas aqui, e lá na Costa Rica, e também em outros países estou trabalhando nos processos de Extensão Universitária apoiando os processos de sistematização de experiências de extensão para produzir conhecimentos teóricos, desde as práticas de extensão, que a partir disso dialoguem com a docência, ao ensino e a pesquisa na Universidade, isso significa também pensar a criação de uma Universidade Popular, uma Universidade na lógica de uma Educação Popular, e temos muitas experiências de Extensão Universitárias, algumas experiências na Argentina, experiências em Colômbia, em Cáli que, por exemplo, neste momento estão em um processo de luta muito grande. A Universidade de Cáli tem um Mestrado de Educação Popular, no Brasil vocês conhecem que também tem várias iniciativas nesse

sentido, eu acho que, pouco a pouco, estamos construindo as possibilidades de outra educação possível, que precisamente seja uma educação crítica, dialógica, alternativa, libertadora e nesse sentido popular.

CF: Obrigado Professor Oscar, essa sua fala reflete para gente, e acredito, sobretudo a todos os brasileiros, uma lufada de esperança, e poder pensar os processos de Educação Popular éticos, políticos e pedagógico em âmbitos Nacionais e Latino-Americanos, eu acho que principalmente aqui no Brasil no atual momento que estamos vivendo é uma questão de necessidade, como o senhor disse: voltarmos a pensar e dar ênfase a essas propostas de Educação Popular enquanto política pública de acesso e a todos, de emancipação humana. Então professor, pegando o gancho dessa sua fala, e já reconhecendo também o processo que viria na próxima pergunta, sobre a influência de Paulo Freire no campo de Educação Popular na América Latina, queria pedir para o senhor contar para a gente, por favor se...

CF: É possível identificar as características do pensamento de Paulo Freire presente nos Movimentos Sociais Latino-Americanos? Tanto nos anos de 1960 quanto nos anos que se sucederam, passando pelos golpes de Estado, de ditadura militar chegando até os anos 2000?

OH: Bom, eu acho que ainda é uma tarefa pendente, independente da ideia de que precisamente as propostas da missão de Paulo Freire estejam mais presentes nos movimentos sociais da América Latina, tem com certeza uma presença, mas é uma presença que agora neste momento está começando a crescer cada vez mais, tem interesses no movimento sindical, é curioso que muitos desses movimentos magisteriais, são movimentos de reivindicação dos educadores e educadoras, mas não são movimentos pedagógicos em termos de propostas transformativas, transformadoras de educação, e tem reformas educacionais que tem acontecido em alguns governos, e que algumas delas tem inspiração Freireana, mas o movimento dos professores e professoras não tinha pegado isso como prática e como sua Bandeira. Então acho que esse seria um movimento que seria muito mais lógico, que o pensamento e a contribuição de Paulo Freire inspirasse as propostas de transformação Educacionais, eu acredito que no campo das Universidades na América Latina estão muito mais presentes, no campo de experiências de extensão Universitária, nos campos de experiências que vinculam o compromisso da Universidade com a sociedade está muito mais presente, pois estão inspirados em seus projetos de extensão, ou como Humberto Tomasino do Uruguai fala da extensão crítica, são processos inspirados em um vínculo dialógico de saberes que estão inspirados precisamente em Paulo Freire, Orlando Fals Borda, e depois tem sido sistematizado por Boaventura ou tematizado por Boaventura de Sousa Santos, mas acho que

dentro das Universidades estão cada vez mais presentes, porque, estamos encontrando os limites de uma Universidade Pública que estão pegando os parâmetros das Universidades Privadas, e a lógica é predominante nas Universidades Europeias, como o paradigma de referência que tem a produção de papers para serem publicados em revistas indexadas, para ter uma qualificação e não a produção do pensamento que dialoga com a realidade, que dialoga com os sujeitos, atores sociais. Então, acho que cada vez mais, há uma crítica dentro das Universidades sobre isso, de tal forma que estão criando como um debate, um questionamento na problematização, e seguindo a ótica Freireana a gente está tentando problematizar mais ainda sobre isso, e uma das brechas que estão se abrindo, é preciso que nas experiências de extensão, e felizmente na América Latina nossas universidades normalmente tem uma área de extensão, que uma Pró-Reitoria, ou uma secretaria importante tem recursos variados, diversos, mais precisamente em outros países do mundo, não existe extensão, tem Universidades na Europa que não utilizam essa ideia, as Universidades são como uma cápsula fechada que estão produzindo conhecimento para alguma vez transferir ao mundo dentro do âmbito científico. Então, essa necessidade de criar uma ciência, um pensamento científico, vinculado às necessidades, às problemáticas, e aos saberes populares acho que cada vez está mais presente. Então eu diria que esse é um âmbito de trabalho, que está cada vez mais forte, tem também um questionamento metodológico cada vez mais presente, um questionamento a essa ideia do professor que vai chegar vai falar uma hora, e depois vai avaliar os trabalhos, por uma ideia de processos muito mais ativos, muito mais participativos, e tem a ver com essa ideia Freireana, que está no segundo capítulo da Pedagogia da Autonomia, “Que ensinar não é transferir conhecimento e sim criar as condições para subprodução e construção”, eu acho que essa ideia que ele transmitir não só na Pedagogia da Autonomia, mas também é um elemento, um fio condutor do pensamento Freireano. Desde o começo a ideia de que não é possível transferir conhecimento, eu posso transferir informações, como agora eu posso estar falando com você, mas vai produzir conhecimento na medida em que cada um vai associar essas informações, com o conhecimento que já tem, e que portanto a relação entre o conhecimento existente e essas informações para produzir uma aprendizagem, um novo conhecimento, é sempre um processo ativo, não é um processo passivo de acumulação, então novamente voltamos à ideia de uma crítica à educação bancária, que segue sendo um paradigma, que mesmo que se fale que não, está sendo predominante em nossas Universidades, e também em sistemas escolares usados para colocar o tema da metodologia de outra forma, e colocando

a pesquisa por exemplo, o desenvolvimento das capacidades de pesquisa, debates entre estudantes, entre estudantes e professores, debates entre professores. Mesmo que não seja “eu tenho o meu curso, meus alunos, meu costume”, e ficam fechados aí, para pensarmos que somos parte de uma comunidade de estudo, de debate, de discussão, onde os estudantes têm também sua própria voz, e o movimento estudantil pode ter também um protagonismo. Então, faz dois anos que celebramos os 100 anos da reforma de Córdoba, e na reforma de Córdoba na Argentina se criou a Extensão Universitária, e se criou a proposta de um vínculo crítico contra o dogmatismo, e contra essa forma de ensinar fechada, e faz 100 anos, e ainda temos muitas universidades, em que ainda não temos esse processo de mudança. Então, eu acho que estamos diante desse desafio de poder então, conseguir a inspiração, não a receita, mas sim a inspiração do pensamento Freireano, para precisamente perguntarmos por exemplo, “O que significa criar as condições que fazem possível a construção de conhecimento?” Só colocando isso dentro de minha proposta pedagógica, quais são as metodologias coerentes com isso? O que implica colocar a pesquisa com o vínculo, com os temas da realidade dos saberes das pessoas? Com as condições de construção e de produção de conhecimento? E vamos acrescentar um pouco a essa ideia, não só criar as condições, mas criar também as disposições, as disposições subjetivas que precisamente nos motivam para construirmos aprendizagem; então aprendizagem sempre ativa, sempre a construir, não é uma coisa passiva que se recebe. Então esse elemento, eu acho que, desse ponto de vista metodológico, desse ponto de vista também do sentido e do fracasso de muitos sistemas escolares, ou também da crítica aos sistemas Universitários, tem que entrar cada vez mais. Então, eu acho que, é um processo que falta, agora tem movimentos como o MST¹², por exemplo, que tem a inspiração da filosofia Freireana dentro de sua lógica de funcionamento, portanto não são só os conteúdos que ele estuda, mas são também uma forma de viver, é uma forma de fazer, é uma forma de ser, é a procura de uma coerência. Para mim tem sido muito interessante cada vez que tenho estado em um acampamento do MST, um assentamento, ou também na escola Florestan Fernandes, o Instituto Terra, eu também estive lá, onde formam-se os professores e também as professoras, como essa ideia integral da formação, não é só um assunto de estudo, é um assunto de ser de outro jeito, é uma forma de me vincular com outras pessoas e com o mundo, criar sentidos de solidariedade, desenvolver a sensibilidade, e portanto, eu acho que tem movimentos como o MST, que tem se espalhado a outros movimentos Latino-Americanos. Há 15 anos

¹² Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra

ninguém fazia Mística por exemplo, em um seminário ou em um curso em outro país da América Latina, o único foi o MST, e agora cada vez mais inclusive a nível virtual, vamos começar um evento, vamos fazer uma mística, isso é um sentido, uma expressão que talvez seja muito pequena, mas talvez significativa, de como a proposta do MST, tem entrado em outros movimentos, no movimento ambientalista claramente, eu acho que se tem um movimento que pega dentro das inspirações Freireanas, como um elemento que caracteriza esse movimento, é um movimento feminista, e cada vez mais o movimento feminista, mesmo com as críticas, e as autocríticas, que Paulo Freire fazia sobre sua própria forma de escrever é machista ou é excludente, o movimento feminista vai desenvolvendo também a ideia de uma aproximação muito mais holística, não só aos temas não racionais, e portanto então pegam uma inspiração muito importante, porque Paulo Freire pega o coração, pega o sentido de ser de um Educador de ser uma Educadora, não só uma ideia de como fazer. Este ano, ano do centenário de Paulo Freire eu tenho o privilégio enorme de me encontrar, como eu estou no CEAAL, na América Latina nos 21 países, nesse processo, eu tenho o privilégio maravilhoso de me encontrar com essas dinâmicas, essas iniciativas, essas procuras, essas pessoas que querem saber mais, que querem conhecer mais, que se sentem inspiradas no pensamento Freireano, então acho que os movimentos populares e o movimento de Educação Popular do CEAAL, que nós queremos ser mais que uma coordenadoria de organizações, queremos ser um movimento de Educação Popular, um movimento de Educadores e Educadoras Populares, bom, que esse movimento esteja inspirado precisamente por uma forma de ser, de procura de coerência, em que diante das dificuldades, diante dos problemas, ante problemáticas, tenhamos as capacidades de problematizar, para abrir brechas, e acho que essa ideia freireana da construção do inédito viável, é cada vez mais presente, porque nesse momento especialmente com a pandemia, por que se pegarmos a Pedagogia do Oprimido, quando Freire fala das situações limites, ele está falando dos anos de 1960, 1970, olhemos agora a situação da pandemia, e a situação da pandemia é claramente uma situação limite, e a situação limite é uma situação na qual você não poder fazer nada, porque ela é mesmo assim, e é quando você pensa em contar que Freire recusa isso, ele diz não, o mundo não é, ele está sendo, nossa história não está pré-determinada, e temos que problematizar as situações limites, para construir o inédito viável, então vamos encontrando uma pista, de mudança muito importante, porque “O inédito viável não significa fazer qualquer mudança, significa fazer a mudança mais radical possível que hoje é viável fazer, portanto tem que ser inédita, tem que ser profunda, mas

também aquilo que é possível fazer agora, e ao fazer essa mudança, esse inédito viável, estamos construindo as condições, essas possibilidades para poder fazer depois outras mudanças que agora não podemos”. Então acho que é uma filosofia política muito importante de uma estratégia, que não significa que esperar para ver o que acontece, ou ficarmos resignados diante de uma situação limite, mas sim significa encontrar as brechas, as possibilidades e nessas brechas entrar e fazer o máximo possível que podemos fazer agora, e só isso vai nos dar força, capacidade de iluminação, e condições para poder fazer depois outras coisas. Então não é um avanço somente pequenino cotidiano, é um avanço qualitativo de construção de outras condições. Eu acho que essas ideias, agora neste ano tem sido cada vez mais pertinentes para muitos movimentos, para movimentos que estão em situação muito difícil, para processos na América Latina sobretudo, que tem que enfrentar uma resistência muito grande e pensar portanto que a resistência não é um ato defensivo, a resistência é a capacidade de pensar e imaginar, e fazer uma mudança, isso é resistir, e portanto uma pedagogia da resistência, não é só uma pedagogia só de defender, mas de criar uma resiliência que seja condição para imaginar e fazer outras coisas. Então, acho que agora é muito pertinente isso aqui no Brasil definitivamente, diante da situação que se apresenta, os movimentos, a população cada vez mais vai enfrentando essa lógica nefasta que está pulsando deste governo, para criar outras condições de esperança. “E aí outra vez Freire, com a ideia de que esperança não vem de esperar, mas sim de esperançar, e ele dizia que temos que criar o verbo esperançar”, ele gostava muito de jogar com as palavras, e punha muita atenção aos termos, as palavras, a forma como você fazia uma pergunta, e ele tem essa capacidade muito interessante. Então ele criava a boniteza, por isso ele foi criando outras palavras, porque talvez a linguagem ficava de acordo para tudo aquilo que ele queria dizer. Então nesse momento falar de esperança, acho que é muito importante, porque é um momento de onde a lógica pode ser, “vamos esperar ver o que acontece, e se esperamos ver o que acontece, não temos saída”, “temos que esperançar, temos que construir as possibilidades e as condições”. Então, acho que essa é a lógica da presença nos movimentos que temos que criar, no CEAAL temos que nos vincular com todos os movimentos, os movimentos ambientalistas, os movimentos contra o racismo, os movimentos feministas, e movimentos que tem a ver com moradia, movimentos camponeses, movimentos indígenas, etc... de tal forma com essa capacidade de nos movimentar e inspirar nossa capacidade de construir, nossa capacidade de ser sujeitos da história, que eu acho que é o sentido fundamental de uma pedagogia Freireana, então inspirados nisso, temos muitas

maneiras de ser, portanto não temos uma receita, o que se faz em um lugar pode ser muito diferente em outro, mas podemos nos inspirar mutuamente, e precisamente construindo essas possibilidades, então não sei se com isso consegui responder um pouco essa pergunta, porque eu acho que ao longo do tempo tem acontecido muito isso, tem períodos que a presença de Paulo Freire tem sido muito restrita a alguns campos, alfabetização, educação rural, ONGS¹³, mas agora acho que cada vez está mais presente, é uma responsabilidade nossa também de contribuir ao seu conhecimento e ao seu espalhamento.

NS: É uma aula viva, acho que o professor, o Educador Popular, o amigo Oscar, fala do que vive, fala o que sente, e pensar Paulo Freire, aproximar-se de Paulo Freire é pensar na existência humana, é pensar, é articular as dimensões do pensar, do sentir e do agir, do relacionar-se, do se colocar no mundo, é talvez um dos fatores que mais assustam e causam estranheza no pensamento do Paulo Freire é esse teor político, esse teor libertador, emancipador, não solitário, isolado e ególatra, mas como Paulo Freire gostava de dizer “comungado”, “amoroso em um mundo onde não seja tão difícil amar”, “quando eu morrer quero ser lembrado como alguém que amou as plantas, amou a água”. Então, eu penso que: “É, Paulo Freire vive”, esses tempos vão passar, e lembrando aí essa campanha, acho que iniciada no ano passado que o CEAAL fez sobre a defesa do legado de Paulo Freire, tem até um selo lindo, estava na sua canequinha aí, que esse ano comemoramos daí, o mundo todo se mobiliza para celebrar a memória do Paulo Freire, o seu legado, isso é lindo né, esperançar por esse chão, para terminar, e aí lembrando a categoria freireana “(in)conclusões”, o Professor Oscar já trouxe tantas aí, mas essa perspectiva de (in)conclusão, dessa raiz, desse fazer permanente da educação. Acho que há uma mobilização do mundo mesmo, das pessoas para celebrar o centenário e reconhecendo toda essa vinculação também do CEAAL.

NS: Gostaríamos que o senhor contasse uma história vivida com o Paulo Freire, uma história que o atravessou, uma história que entra para a história, tanto da sua vida, da Educação Popular, uma história... ele gostava muito de contar histórias, ele era muito verborrágico, telúrico, um ser ontológico muito amável e ao mesmo tempo forte; então, para as nossas (in)conclusões pedimos que o senhor conte uma história vivida com Paulo Freire.

OH: Bom tem várias, porque todos os encontros que eu estive com ele, eu gostaria de ter tido mais, é, e sempre foram muito marcantes, vou contar sobre a primeira, o primeiro encontro pessoal, porque já

¹³ Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra

como contei primeiro, eu o conheci através de seus textos, aplicando a proposta metodológica de alfabetização etc. Mas no ano de 1983 na Nicarágua teve um encontro Internacional de Educação Popular pela paz, que foi o encontro de fundação do CEAAL, na verdade. Paulo Freire foi escolhido como presidente do CEAAL nesse momento, e no meio do evento, em um momento como depois do almoço, um grupo de jovens, eu era muito jovem nesse momento e muito entusiasmado, estivemos ao redor dele, umas 12 a 14 pessoas, para tratar e conversar sobre vários temas, e falamos de várias coisas, ele falou sobre a alfabetização, sobre a Nicarágua, mas antes disso, acho que é importante, antes de começar ele disse, “antes que eu diga alguma coisa, vocês o que querem saber? Quais são as perguntas que vocês têm neste encontro Internacional de Educação Popular pela paz? Por que vocês têm vindo aqui? E por que me procuram para falar?” Então, eu notei nele a importância de ouvir falar primeiro, de saber quais eram as nossas perguntas. E em outro dia eu estava com uma dessas lives, com um grupo de jovens, e eu me coloquei a pensar, como talvez seja o momento em que temos que perguntar muito aos jovens, sobre o que “vocês estão se perguntando? O que vocês querem saber? O que vocês têm como inquietação?” Então, a partir daí, é que começamos a falar de vários temas, e depois houve um momento em que vieram procurar ele, “Paulo Freire”, para levá-lo a outra reunião, então ele disse, me lembro muito bem que ele disse, “Eu adorei essa conversa”, porque é um termo em castelhano que não utilizamos na vida coloquial. Então ele diz “adorei essa conversa com vocês, mas tenho que ir embora” e ele vai saindo, e então eu aproveitei e não tive vergonha de perguntar, “Professor você vai para seu quarto? Posso acompanhá-lo? Ele me disse, “claro” então fomos os dois sozinhos conversando. Nesse tempo, eu estava atuando na coordenação da “REDE ALFORJA” e tínhamos uma discussão sobre, que nós éramos os Educadores Populares e queríamos formar os dirigentes populares, e nos perguntávamos também se os dirigentes populares poderiam ser Educadores Populares também, esse era um debate também, e eu quis aproveitar a presença dele e perguntei: “Professor, tem uma coisa, um dirigente Popular, uma liderança, pode ser um Educador Popular? e ele me disse, não acho que pode, ele deve ser, porque o trabalho de uma liderança, o trabalho de um dirigente é um trabalho organizativo, e como trabalho organizativo, deve ser educativo,” e ele me colocou um exemplo, que me lembro quase com as palavras que ele utilizou, que ele disse, “Mas os caminhos da história são caminhos poeirentos, e portanto se a liderança caminha diante das pessoas, o povo que vai levantar suas sandálias, vai permitir a eles enxergar para onde vão, mas também se ele vai atrás das pessoas, o povo que vai levantar as

sandálias das pessoas, vão permitir a ele saber para onde conduzir, ele(a) deve estar junto com as pessoas”. E a partir dessas duas ideias que ficaram, que eu tenho esquecido, e faz uns 2 anos para cá, e em algum momento eu estava falando sobre a educação dirigente, veio para minha mente essa conversa, eu fiquei muito marcado por essa ideia, de que então, os dirigentes e lideranças populares devem ser educadores, e que portanto deveriam ser os principais educadores, que sua tarefa é ser educador, mas também essa ideia de estar junto, e não vanguardistamente diante, e nem tampouco em uma espécie de populismo de estar atrás, estar junto com a gente para saber para onde ir, talvez essa seja a mensagem de agora mais importante, este é o momento para escutar as pessoas, jovens sobretudo, e saber quais são suas inquietações; quais são as instigações que tem o professor César Ferreira agora em suas pesquisas, e como isso pode nos iluminar nas procuras também, e saber que temos que caminhar por caminhos poeirentos e empoeirados, e temos que saber caminhar junto com pessoas para encontrar, e saber para onde vamos caminhar.

CF: O professor Oscar Jara nos enche de esperança com essa fala, com essa aula, com essas memórias, e saiba que saio daqui, pensando nas futuras propostas de pesquisa, e com muitas (in)conclusões, mais (in)conclusões de inéditos viáveis, de esperança, de amor pela sociedade, pela Educação Popular, mas sobretudo pela humanidade. Eu acredito que essa sua fala nos traz, e ela vem muito de encontro ao nosso momento político, pedagógico e social, que passamos no nosso país; no nosso momento, sobretudo na educação, também os nossos cortes que estamos sofrendo, e ela também nos traz esperança em pensarmos a Educação Popular enquanto proposta de Política Pública, e que a esperança em que um dia nosso governo volte a pensar dentro dessa forma, Professor. Então, sua fala foi muito rica para minha pesquisa, para nós do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação de Jovens e Adultos do “GEPEJA¹⁴” da Faculdade de Educação da Unicamp, para o nosso círculo de cultura, e então professor muito obrigado mesmo por esse momento de estar conosco, e por dispor de seu tempo preciosíssimo para estar conosco, e sobretudo contribuindo com as pesquisas minha e de Nima.

NS: *Muchas gracias*, estamos emocionados aqui, acho que vai ser uma noite memorável aqui no Brasil, final de tarde aí na Costa Rica e, se estivéssemos em outras circunstâncias, que não as remotas, e lembrando aí da história que o senhor traz, possivelmente a gente sairia para continuar a prosa, bem

¹⁴ Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação de Jovens e Adultos

latino-americana, mas a gente segue aí... as frentes de lutas são muitas, seguimos esperançando, e seguimos caminhando. Muito obrigado, Oscar.

OH: Professora Nima, muito obrigado. César, também obrigado. Acho que essa é uma oportunidade muito interessante porque me faz lembrar, e por isso perguntei também quais são as perguntas que queria saber primeiro, e ficarei instigado também por seus avanços, e é uma oportunidade também para compartilhar e para pensar também, repensar aquilo que temos vivido também, vocês têm me feito reviver também, muito desses momentos, porque essa Educação Popular não são só ideias, são vivências que nos marcam. Então vamos continuar caminhando e esperarei os resultados de sua pesquisa, e nós vamos continuar nos comunicando, eu espero.

NS e CF: Obrigado, Professor, um abraço.

OH: Muito obrigado companheiros, boa sorte aí, seguimos em contato.

CF: Obrigado, Professor. Grande abraço. Tchau, tchau, tchau, tchau.

REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

NERUDA, Plablo. Fundación Pablo Neruda, Boletín Primavera 1989. Disponível em: <https://www.neruda.uchile.cl/discursoestocolmo.htm>. Acesso em: 17 de nov. 2021

Endereço (físico) de correspondência:

Profa. Dra. Nima Spigolon

Faculdade de Educação (FE), Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação de Jovens e Adultos (GEPEJA)

Prédio "Professor Paulo Freire" - Rua Bertrand Russell, 801

Campinas, São Paulo, Brasil.

CEP: 13.083-865

E-mail: nima@unicamp.br.